

MARÍA DUEÑAS

DESTINO: LA TEMPLANZA

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

C A P Í T U L O 1

O que passa pela cabeça e pelo corpo de um homem acostumado a vencer quando, em uma tarde de setembro, se confirmam seus piores medos?

Nem um gesto fora do tom, nem um destempero. Apenas um estremecimento fugaz e imperceptível percorreu sua espinha, subiu até as têmporas e desceu até as unhas dos pés. Nada pareceu mudar em sua postura, porém, ao constatar o que já antecipava. Impávido, assim permaneceu. Com uma das mãos apoiada na dura escrivaninha de nogueira e as pupilas cravadas nas portadoras da notícia: no rosto delas, abatido pelo cansaço, em suas vestimentas de luto desolador.

— Terminem seu chocolate, senhoras. Lamento ter lhes causado este contratempo e agradeço a consideração de virem me informar pessoalmente.

Como se fosse uma ordem, as norte-americanas obedeceram a instrução assim que o intérprete traduziu, uma a uma, as palavras. A legação de seu país havia lhes fornecido aquele intermediário, uma ponte para que as duas mulheres carregadas de fadiga, más notícias e ignorância da língua conseguissem se fazer entender e, assim, cumprir o objetivo de sua viagem.

Ambas levaram a xícara à boca sem vontade nem prazer. Beberam por respeito, certamente. Para não o contrariar. O bolo das freiras de San Bernardo, porém, nem provaram, e ele não insistiu. Enquanto as mulheres sorviam o líquido espesso com mal disfarçado constrangimento, um silêncio que não era de todo silente se instalou na sala como um réptil: arrastando-se pelo piso de tábuas envernizadas e pelas telas que cobriam as paredes; deslizando sobre os móveis de estilo europeu e entre as pinturas a óleo de paisagens e naturezas-mortas.

O intérprete, um jovem imberbe na casa dos vinte anos, permanecia desconcertado, com as mãos suadas entrelaçadas à altura de suas partes íntimas, pensando com seus botões que diabos estava fazendo ali. Enquanto isso, mil sons flutuavam no ar. Do pátio subia o eco do vaivém dos criados que molhavam as lajes com água de louro. Da rua, pelas grades de ferro fundido, chegava o repique de cascos de mulas e cavalos, os lamentos dos mendigos suplicando uma esmola e o grito do vendedor da esquina que apregoava insistentemente sua mercadoria. Empanadas de manjar, tortilhas de coalhada, goiabada, doces de milho.

As mulheres roçaram nos lábios os guardanapos holandeses recém-passados; bateram as cinco e meia. Depois não sabiam mais o que fazer.

O dono da casa quebrou a tensão.

— Permitam-me oferecer minha hospitalidade para que passem a noite aqui antes de tomarem o caminho de volta.

— Muito obrigada, senhor — responderam quase em uníssono —, mas já temos um quarto reservado em uma pensão que nos recomendaram na embaixada.

— Santos!

Embora não fossem elas as destinatárias do rouco vozeirão, as duas estremeceram.

— Peça a Laureano que vá com estas senhoras pegar sua bagagem e que depois as leve ao hotel de Iturbide. As despesas devem ser anotadas na minha conta. E depois, vá procurar Andrade, arranque-o da partida de dominó e diga-lhe que venha até aqui sem demora.

O criado de pele cor de bronze recebeu as instruções com um simples “às suas ordens, patrão”. Como se do outro lado da porta, com o ouvido bem colado à madeira, não tivesse tomado conhecimento de que o destino de Mauro Larrea, até então rico minerador de prata, acabava de ser mutilado.

As mulheres se levantaram das poltronas e suas saias farfalharam como as asas de um corvo sinistro. Atrás do criado, foram as primeiras a deixar a sala e sair para a fresca galeria. A que disse ser a irmã foi na frente. A que disse ser a viúva a seguiu. Atrás delas deixaram os papéis que haviam trazido: papéis que ratificavam, preto no branco, a veracidade de uma premonição. Por último, o intérprete se preparou para sair, mas o dono da casa o deteve.

Pousou a mão grande e nodosa, áspera, forte ainda, sobre o peito do americano com a firmeza de quem sabe mandar e sabe que será obedecido.

— Um momento, meu jovem, por favor.

O intérprete mal teve tempo de responder ao pedido.

— Seu nome é Samuelson, não é?

— Isso mesmo, senhor.

— Muito bem, Samuelson — disse, baixando a voz. — Acho que não preciso dizer que esta conversa foi totalmente privada. Uma palavra a alguém sobre ela, e eu me encarrego de que na semana que vem seja deportado e convocado para lutar em seu país. De onde é, amigo?

O jovem sentiu a garganta seca como o teto de uma choça.

— De Hartford, Connecticut, sr. Larrea.

— Melhor ainda. Assim poderá contribuir para que os ianques ganhem a guerra contra a Confederação de uma vez por todas.

Quando calculou que já haviam alcançado o saguão, afastou com os dedos a cortina de uma das varandas e observou as cunhadas saindo da casa e entrando em sua carruagem. O cocheiro Laureano açulou as éguas, que arrancaram altivas, desviando de transeuntes respeitáveis, de criaturas andrajosas sem sapatos nem sandálias e de dúzias de índios enrolados em ponchos que proclamavam em uma caótica torrente de vozes a venda de sebo e tapetes de Puebla, carne seca, abacates, sequilhos e estatuetas de cera do Menino Jesus. Quando se certificou de que a carruagem dobrava na rua de las Damas, afastou-se da varanda. Sabia que Elías Andrade, seu procurador, levaria pelo menos meia hora para chegar. E não teve dúvida sobre o que fazer enquanto esperava.

Blindado contra qualquer olhar alheio, enquanto ia de um aposento a outro, Mauro Larrea foi tirando o paletó com fúria. Aos puxões, desfez o nó da gravata, tirou as abotoaduras e arregaçou as mangas da camisa de cambraia. Quando chegou a seu destino, com os antebraços nus e o colarinho aberto, inspirou com força e, por fim, girou o móvel em forma de roleta que mantinha os tacos na posição vertical.

— Santa Mãe de Deus — murmurou.

Nada indicava que escolheria o que acabou escolhendo. Tinha outros mais novos, mais sofisticados e valiosos, acumulados ao longo dos anos como provas tangíveis de seu auge irrefreável. Mais certos para

o tiro, mais equilibrados. Contudo, naquela tarde que arrasou sua vida e cuja luz foi se apagando enquanto os criados acendiam lamparinas e velas pelos cantos de sua grande casa, enquanto as ruas continuavam exuberantes de pulsação e o país se mantinha obcecadamente ingovernável em disputas que pareciam não ter fim, ele rejeitou o previsível. Sem nenhuma lógica aparente, sem nenhuma razão, escolheu o taco velho e tosco que o amarrava a seu passado e preparou-se para enfrentar, raivoso, seus próprios demônios diante da mesa de bilhar.

Os minutos passaram enquanto ele executava tacadas com eficácia implacável. Uma atrás da outra, e outra, e outra, acompanhado somente pelo ruído das bolas ricocheteando nas laterais e o som seco do choque do marfim. Controlando, calculando, decidindo, como fazia sempre. Ou quase sempre. Até que, da porta, soou uma voz atrás dele.

— Não pressinto nada de bom vindo-o com esse taco nas mãos.

Continuou o jogo como se não tivesse escutado nada; agora girando o punho para dar uma tacada certa, formando um sólido anel com os dedos pela enésima vez, deixando visível na mão esquerda dois dedos esmagados nas pontas e aquela cicatriz escura que subia desde a base do polegar. Feridas de guerra, costumava dizer, irônico. Sequelas de sua passagem pelas tripas da Terra.

Mas ele tinha ouvido a voz de seu procurador, claro que tinha. A voz bem modulada daquele homem alto, de elegância requintadamente tresnoitada, que dentro de seu crânio liso como um seixo escondia um cérebro vibrante e sagaz. Elías Andrade, além de cuidar de suas finanças e de seus interesses, também era seu amigo mais próximo: o irmão mais velho que nunca teve, a voz de sua consciência quando a voragem dos dias convulsionados roubava-lhe a serenidade necessária para discernir.

Inclinando-se, elástico, sobre o pano verde, Mauro Larrea acertou em cheio a última bola e deu por terminada sua partida solitária. Então, colocou o taco de volta no móvel e, sem pressa, voltou-se para o recém-chegado.

Olharam-se de frente, como tantas outras vezes. Para o bem e para o mal, sempre havia sido assim. Cara a cara. Sem subterfúgios.

— Estou arruinado, compadre.

Seu homem de confiança fechou os olhos com força, mas não replicou. Simplesmente tirou um lenço do bolso e passou-o pela testa. Tinha começado a suar.

À espera de uma resposta, o minerador levantou a tampa de uma caixa e pegou dois charutos. Acenderam-nos com um isqueiro de prata e o ar se encheu de fumaça; só então o procurador reagiu à tenebrosa notícia que acabava de lhe chegar aos ouvidos.

— Adeus a Las Tres Lunas.

— Adeus a tudo. Foi tudo para a casa do caralho ao mesmo tempo.

Em conformidade com sua vida entre dois mundos, às vezes usava fortes expressões castelhanas e outras vezes parecia mais mexicano que o Castelo de Chapultepec. Duas décadas e meia haviam se passado desde que chegara à velha Nova Espanha, já transformada em uma jovem república depois de um longo e doloroso processo de independência. Na época ele levava consigo uma ferida no coração, duas responsabilidades irrenunciáveis e a imperiosa necessidade de sobreviver. Nada permitiria prever que seu caminho se cruzaria com o de Elías Andrade, último elo de uma antiga dinastia *criolla*¹ tão nobre quanto empobrecida desde o ocaso da colônia. Mas, como em tantas outras coisas nas quais intervêm os ventos do destino, os dois homens acabaram se encontrando no infame bar de um acampamento mineiro em Real de Catorce, quando os negócios de Larrea — uma dúzia de anos mais jovem — começavam a alçar voo e os sonhos de Andrade — outros tantos mais velho — haviam caído no fundo do poço. E apesar dos muitos altos e baixos que ambos enfrentaram, apesar das derrotas e das vitórias, das alegrias e dos dissabores que a sorte acabou pondo em seu caminho, nunca mais se separaram.

— O gringo passou a perna em você?

— Pior. Está morto.

A sobancelha erguida de Andrade pontuou um sinal de interrogação.

— Os sulistas o mataram na batalha de Manassas. A mulher e a irmã vieram da Filadélfia para me comunicar. Essa foi a última vontade dele.

— E o maquinário?

— Foi requisitado pelos sócios para as minas de carvão do vale de Lackawanna.

— Nós tínhamos pagado tudo... — murmurou Andrade, estupefato.

— Até o último parafuso, não tivemos outra opção. Mas nem uma única peça chegou a embarcar.

¹ *Criollos* são filhos de europeus nascidos na América. (N.T.)

O procurador foi até uma das varandas sem dizer uma palavra e abriu as portas de par em par, talvez com o ilusório desejo de que um sopro de ar afastasse o que acabava de ouvir. Da rua, contudo, só subiram as vozes e o barulho de sempre: a agitação constante daquela que até alguns anos antes havia sido a maior metrópole das Américas. A mais rica, a mais poderosa, a velha Tenochtitlán.

— Eu avisei — murmurou Andrade com o olhar perdido no tumulto da rua, sem se voltar.

A única reação de Mauro Larrea foi uma intensa tragada em seu charuto.

— Eu disse que explorar de novo essa mina era arriscado demais: que não devia ter optado por essa concessão diabólica, não devia investir tamanha barbaridade de dinheiro em máquinas estrangeiras, que devia arranjar acionistas para dividir o risco... Que devia tirar esse maldito absurdo da cabeça.

Um rojão estourou perto da catedral, ouviu-se a discussão entre dois cocheiros e o relincho de um animal. Mauro soltou a fumaça sem replicar.

— Cem vezes eu repeti que não havia nenhuma necessidade de apostar tão alto — insistiu Andrade em um tom cada vez mais áspero.

— E, mesmo assim, indo contra o meu conselho e contra o mais elementar bom senso, você insistiu em arriscar tudo. Hipotecou a fazenda de Tacubaya, vendeu as do distrito de Coyoacán, os ranchos de San Antonio Coapa, os armazéns da rua Sepulcro, os pomares de Chapingo, os currais ao lado da igreja de Santa Catarina Mártir.

Recitou o inventário de propriedades como se cuspiisse bile, em seguida chegou a vez do resto:

— Você se desfez de todas as suas ações, dos títulos da dívida pública, de crédito e de participação. E não satisfeito em arriscar tudo que tinha, ainda se endividou até as sobrancinhas. E agora não sei como acha que vamos enfrentar o que está por vir.

Por fim Mauro o interrompeu.

— Ainda temos uma coisa.

Abriu as mãos como se quisesse abarcar o aposento onde estavam. E com esse gesto, por extensão, atravessou paredes e tetos, pátios, escadas e telhados.

— Nem pense nisso! — vociferou Andrade, segurando a cabeça com os dedos das duas mãos.

— Precisamos de capital para pagar as dívidas mais urgentes primeiro, e para começar a me mover depois.

Se tivesse visto um fantasma, o rosto do procurador não teria demonstrado mais pavor.

— Mover-se para onde?

— Ainda não sei, mas a única coisa que sei é que tenho que ir embora. Não tenho alternativa, irmão. Aqui estou queimado; não haverá como empreender nada de novo.

— Espere — insistiu Andrade tentando transmitir-lhe serenidade.

— Espere, pelo que mais ama neste mundo. Antes temos que avaliar tudo, talvez possamos disfarçar por um tempo enquanto vou apagando os incêndios e negociando com os credores.

— Você sabe tão bem quanto eu que assim não vamos chegar a lugar nenhum. Que no fim das suas contas e dos seus balanços, só vai encontrar desolação.

— Fique calmo, Mauro, esfrie a cabeça. Não se precipite e, acima de tudo, não comprometa esta casa. É a última coisa que lhe resta intacta, e a única que talvez possa lhe servir para que tudo pareça o que não é.

A imponente mansão colonial da rua de San Felipe Neri, era a isso que se referia. O velho palácio barroco comprado dos descendentes do conde de Regla, que havia sido o maior minerador do vice-reinado; a propriedade que o posicionava socialmente nas coordenadas mais desejáveis do mapa urbano. Aquilo tinha sido a única coisa que ele não pusera em jogo a fim de conseguir a monstruosa quantidade de dinheiro vivo de que necessitava para ressuscitar a mina Las Tres Lunas; a única coisa que restava intacta do patrimônio que construía com os anos. Além do valor material, os dois sabiam quanto aquela residência significava: um ponto de apoio sobre o qual manter — ainda que precariamente — sua respeitabilidade pública. Mantê-la livrava-o do escárnio e da humilhação. Perdê-la implicava tornar-se, aos olhos de toda a capital, um fracassado.

Tornou a reinar uma quietude densa entre os dois homens. Os amigos outrora tocados pela sorte, vencedores, admirados, respeitados e atraentes, olhavam-se agora como dois náufragos no meio de uma tempestade, lançados sem aviso às águas geladas por um traiçoeiro golpe do mar.

— Você foi um irresponsável de merda — reiterou por fim Andrade, como se repetindo sem parar seus pensamentos fosse conseguir atenuar o impacto.

— Você fez a mesma acusação quando contei como comecei com La Elvira. E quando me meti em La Santa Clara. E em La Abundancia e La Prosperidad. E em todas essas minas acabei prosperando e obtive prata às toneladas.

— Mas na época você não tinha nem trinta anos, era só um selvagem perdido no fim do mundo e podia arriscar, seu louco! Agora que já está às portas dos cinquenta, acha que vai conseguir começar de baixo outra vez?

O minerador deixou que seu procurador desabafasse aos gritos.

— Você recebeu propostas para entrar em consórcios e fazer alianças com as maiores empresas do país! Os liberais e os conservadores tentaram seduzi-lo, você poderia ser ministro de qualquer um deles se demonstrasse o menor interesse! Não há salão que não queira ter você como convidado, e recebeu à sua mesa a nata da nação. E agora mandou tudo para a casa do caralho por causa da sua teimosia. Sua reputação está prestes a voar pelos ares, tem um filho que sem seu dinheiro não passa de um desatinado e uma filha com uma posição que você está prestes a desonrar!

Quando acabou de cuspir marimbondos, esmagou o charuto meio fumado em um cinzeiro de cristal de rocha e se dirigiu à porta. A silhueta de Santos Huesos, o criado indígena, perfilava-se nesse momento no limiar da porta. Em uma bandeja levava dois copos entalhados, uma garrafa de aguardente catalã e outra de uísque contrabandeado da Luisiana.

Nem sequer deixou que a depositasse sobre a mesa. Detendo-lhe o passo, Andrade se serviu de uma dose com brusquidão. Bebeu de um gole e limpou a boca com o dorso da mão.

— Deixe-me revisar as contas esta noite, vamos ver se podemos salvar alguma coisa. Mas, por mais que queira, esqueça esse negócio de se desfazer da casa. É a única coisa que lhe resta, se espera que alguém volte a confiar em você. Seu álibi. Seu escudo protetor.

Mauro Larrea fingiu que o escutava, inclusive assentiu com um movimento do queixo, mas, àquela altura, sua mente já avançava em outra direção radicalmente diferente.

Ele sabia que tinha que começar de novo.

E, para isso, precisava arranjar dinheiro e pensar.

C A P Í T U L O 2

Não teve estômago para jantar depois que Andrade saiu praguejando por entre os arcos da esplêndida galeria. Em vez disso, decidiu tomar um banho de banheira, para refletir sem a voz do procurador dando-lhe facadas na consciência.

Submerso na banheira, Mariana foi a primeira imagem que surgiu em sua mente. Ela seria a única a saber de sua boca o acontecido, como sempre. Apesar de já viverem vidas separadas, o contato entre ambos era constante. Continuavam se vendo praticamente todos os dias e era raro que não fizessem juntos um passeio por Bucareli ou que ela não passasse em algum momento por sua antiga casa. Para os empregados, especialmente em seu novo estado, era uma festa cada vez que ela atravessava o saguão. Diziam que estava linda, insistiam para que ficasse um pouco mais e lhe serviam merengues, pão de ovos e doces de açúcar cristal.

Bem diferente seria com Nicolás, o pior dos seus tormentos. Para a sorte de todos, a hecatombe o encontraria na Europa. Na França, nas minas de carvão do Passo de Calais, para onde o havia mandado sob os cuidados de um velho amigo a fim de afastá-lo temporariamente do México. Estranha mistura de sangues, anjo e demônio, engenhoso e insequente, impetuoso, imprevisível em todos os seus atos. Sua boa estrela e a sombra protetora do pai sempre o haviam acompanhado, até que começou a pôr as mangas de fora além da conta. Aos dezenove anos foi uma paixão arrebatadora pela mulher de um deputado da República. Meses depois, uma farra monumental no qual acabaram afundando o piso de um salão. Quando o filho completou vinte anos, Mauro Larrea já havia perdido a conta das confusões das quais tinha precisado tirá-lo. Por sorte, apesar de tudo isso, já tinha um casamento promissor arranjado com a

filha dos Gorostiza. E para que acabasse de se preparar para entrar nos negócios paternos e evitar, de quebra, que continuasse se metendo em confusões antes do casamento, conseguiu convencê-lo a passar um ano do outro lado do oceano. A partir daquele momento, no entanto, tudo seria diferente, por isso precisava avaliar com extrema cautela cada movimento. Na lista das maiores preocupações de Mauro Larrea diante de sua iminente bancarrota, o lugar de honra era ocupado, sem dúvida alguma, por Nicolás.

Fechou os olhos e tentou esvaziar o cérebro de problemas pelo menos por um momento. Esquecer o gringo morto, o maquinário que nunca mais chegaria a seu destino, o monumental fracasso de seu empreendimento mais ambicioso, o futuro de seu filho e o abismo que se abria diante de seus pés. O que necessitava agora, imediatamente, era se mexer, avançar. E depois de ver e rever suas opções, sabia que só havia uma saída segura. Pense bem, filho da mãe, disse a si mesmo. Você não tem mais opções, por mais difícil que seja, replicou sua segunda voz. Não pode fazer nada na capital sem que as pessoas fiquem sabendo. Deixá-la é a única solução. Então decide-se de uma vez por todas.

Como tantos homens feitos à base de luta sem trégua, Mauro Larrea tinha desenvolvido uma incrível facilidade de sempre seguir em frente. As minas de prata de Guanajuato em seus primeiros anos na América forjaram seu caráter: onze horas diárias labutando nas entranhas da terra, lutando contra as rochas à luz de tochas, vestindo apenas um mísero calção de couro e com uma faixa de pano encardido sobre a testa a fim de proteger seus olhos da mistura infecta de sujeira, suor e pó. Onze horas diárias, seis dias por semana, despedaçando pedra a força bruta nas trevas do inferno acabaram dando-lhe uma dureza que nunca mais perdeu.

Talvez por isso não houvesse lugar para a inquietação em sua pessoa, nem mesmo dentro daquela maravilhosa banheira esmaltada belga que, quando chegara ao México, tinha sido um sonho ao qual jamais se permitira aspirar. Naquela época, naqueles primeiros tempos, se lavava debaixo de uma figueira com meio tonel de água da chuva e, na falta de sabonete, tirava a sujeira apenas com um trapo. Para se secar tinha sua própria camisa e os raios do sol; para se barbear, o ar cortante. E, como grande luxo, um tosco pente de madeira e a pomada de melissa que ele comprava aos quartilhos nos dias de pagamento e com a qual conseguia manter mais ou

menos em ordem a mata de cabelos indômitos que na época era da cor das castanhas. Anos atrozes, aqueles. Até que a mina mordeu sua carne e ele decidiu que havia chegado a hora de mudar de lugar.

E agora, maldita sorte, a única maneira de evitar a derrocada mais absoluta era voltando ao passado. Apesar dos sensatos conselhos de seu procurador, se quisesse que nada vazasse nos círculos que costumava frequentar; se quisesse seguir em frente antes que as pessoas ficassem sabendo de tudo e não houvesse mais jeito de se reerguer, só lhe restava um recurso. O mais ingrato. Aquele que, apesar dos anos e das vicissitudes, obrigava-o a retornar a caminhos escuros povoados de sombras.

Abriu os olhos. A água estava ficando fria, e sua alma também. Saiu da banheira, pegou a toalha. As gotas de água escorreram pela pele nua até o mármore do piso. Como se seu organismo quisesse prestar um tributo aos titânicos esforços do passado, o passar do tempo não o havia castigado demais. Aos 47 anos, além de uma boa quantidade de marcas de feridas, da notória cicatriz na mão esquerda e do par de dedos esmagados, conservava braços e pernas musculosos, abdome definido e os mesmos ombros fortes que nunca passavam despercebidos a alfaiates, adversários e mulheres.

Terminou de se secar, fez a barba depressa, untou às cegas o rosto com óleo de Macassar e em seguida escolheu a roupa necessária a seu propósito. Escura, resistente. Vestiu-se de costas para o espelho e ajustou na cintura a proteção que sempre o acompanhava em momentos críticos como o que agora antevia. Sua faca. Sua pistola. Por último, pegou na escrivaninha uma pasta amarrada com fitas vermelhas. E de dentro dela tirou várias folhas de papel que dobrou sem cuidado e guardou junto ao peito.

Só quando estava pronto voltou os olhos para o grande espelho do guarda-roupa.

— Sua última partida, compadre — anunciou para sua própria imagem.

A seguir, soprou a lamparina, gritou por Santos Huesos e saiu para o corredor.

— Amanhã cedo vá à casa do sr. Elías Andrade e diga-lhe que fui aonde ele gostaria que eu nunca fosse.

— Aonde, à casa do sr. Tadeo? — perguntou o *chichimeca*, desconcertado.

Mas o patrão já tinha saído andando a passos rápidos a caminho dos estábulos, e o rapaz teve de apressar as pernas para manter o ritmo. A pergunta ficou sem resposta enquanto ele continuava dando instruções.

— Se a menina Mariana vier até aqui, não lhe diga nem meia palavra. E a qualquer um que apareça na porta perguntando por mim, diga a primeira bobagem que lhe ocorrer.

O criado estava a ponto de abrir a boca quando o patrão se antecipou.

— E não, desta vez você não vem comigo, rapaz. Como quer que acabe este desatino, vou entrar sozinho e sozinho sair dele.

Passava das nove, e as ruas continuavam pulsando com um ritmo incontrolável. Montado em seu cavalo *criollo*, com o rosto quase oculto sob o chapéu de aba larga e coberto por uma capa *queretana*,² esforçou-se para evitar os cruzamentos e flancos mais movimentados. Aquele mundaréu de gente era algo que costumava distraí-lo em outras ocasiões, talvez porque normalmente indicasse o prelúdio de sua chegada a uma reunião interessante, a um jantar proveitoso para seus negócios. A um encontro com uma mulher. Naquela noite, contudo, a única coisa que desejava era deixar tudo para trás.

Gringo filho da puta, murmurou entre os dentes, esporeando o corcel. Mas o gringo não tinha culpa, e ele sabia. O gringo, velho militar do corpo de engenheiros do Exército dos Estados Unidos e puritano até a medula, havia cumprido suas responsabilidades e tivera inclusive a decência póstuma de enviar ao México a mulher e a irmã para lhe comunicar o que ele próprio nunca poderia lhe dizer, enterrado como estava em uma vala comum com um olho arrebetado e o crânio esfacelado. Guerra imunda, negreiros malditos, murmurou outra vez. Como era possível que tivesse acontecido tal acúmulo de despropósitos? Como o destino tinha feito aquilo com ele? As perguntas atormentavam seu cérebro enquanto atravessava a trote a negrura da rua de los Misterios.

* * *

O ianque se chamava Thomas Sachs, e apesar de seu rancor momentâneo, Mauro Larrea sabia que jamais tinha sido uma pessoa indesejável,

² Referente à região mexicana de Querétaro. (N.E.)

e sim um metodista cumpridor e íntegro. Havia aparecido em sua vida treze meses antes, mandado por um velho amigo de San Luis Potosí. Chegou quando Mauro estava quase acabando de tomar o café da manhã, quando a casa ainda andava meio desarrumada e dos fundos da cozinha vinham as vozes das criadas enquanto picavam cebolas e moíam milho. Santos Huesos o acompanhou ao escritório e mandou que esperasse. O gringo esperou em pé, olhando para o chão, se balançando.

— Fiquei sabendo que o senhor poderia estar interessado em comprar maquinário para uma exploração.

Foi assim que o cumprimentou ao vê-lo entrar. Antes de responder, Mauro Larrea o encarou. Robusto, com pele tendendo à vermelhidão e um espanhol bastante aceitável.

— Depende do que tiver para me oferecer.

— Máquinas a vapor modernas. Feitas em nossas fábricas de Harrisburg, na Pensilvânia, pela casa industrial Lyons, Brookmam & Sachs. Sob encomenda, de acordo com as necessidades específicas do comprador.

— Capazes de desaguar a setecentas varas?

— Até 850.

— Então quero ouvir o que tem a dizer.

E ouviu. E enquanto ouvia, voltou a sentir dentro de si o fervor de algo que estava adormecido havia anos. Devolver o esplendor à velha mina Las Tres Lunas, levá-la ao auge outra vez.

O potencial do maquinário que Sachs pôs diante de seus olhos era impressionante. Nem os velhos mineradores espanhóis dos tempos do vice-reinado, nem os ingleses que se instalaram em Pachuca e Real del Monte, nem os escoceses que se estabeleceram em Oaxaca. Ninguém nunca tinha ido tão longe em todo o México, por isso soube desde o início que aquilo era diferente. Gigantesco. Imensamente promissor.

— Preciso de um dia para pensar.

Recebeu-o na manhã seguinte estendendo-lhe a mão forte de mineiro; de uma estirpe que o estrangeiro conhecia bem: a daqueles homens audazes e intuitivos, sabedores de que aquele ofício era uma constante roda de vitórias e fracassos. Com um jeito seguro e direto de tomar decisões desafiadoras, temerárias até; provocando constantemente a sorte e a Providência. Homens dotados de um entendimento imensamente pragmático da vida e de uma inteligência natural afiada, com quem o gringo estava acostumado a lidar.

— Vamos negociar, meu amigo.

Fecharam o acordo. Mauro solicitou as licenças pertinentes na Junta de Mineração, traçou um arriscado plano de financiamento que Andrade não parou de reprovar. E, a partir daí, com os prazos definidos de antemão, começou a desembolsar periodicamente grandes quantias de dinheiro até consumir todos os seus capitais e todos os seus investimentos. Em troca, a cada três semanas era rigorosamente informado sobre o avanço do projeto na Pensilvânia: as complexas máquinas que iam sendo montadas, as toneladas de equipamento que se empilhavam nos armazéns. As caldeiras, as gruas, os equipamentos auxiliares. Até que as cartas do norte pararam de chegar.

* * *

Um ano e um mês haviam se passado entre aqueles dias cheios de ilusões e a noite do presente na qual, por caminhos livres, sua negra silhueta cavalgava sob um céu sem estrelas em busca de uma solução que lhe permitisse pelo menos voltar a respirar.

A claridade começava a despontar quando se deteve ao lado de um robusto portão de madeira. Chegava entorpecido, com a boca seca e os olhos vermelhos; mal dera descanso ao animal e a si mesmo. Mesmo assim, desmontou sem demora. O cavalo, exausto e sedento, dobrou as patas dianteiras, babando jatos de espuma, e desabou.

O final da madrugada o recebia junto a uma baixada ao pé do monte San Cristóbal, perto da Mina de Pachuca. Ninguém o esperava naquela fazenda isolada; quem poderia imaginar uma visita tão fora de hora? Os cães, contudo, souberam. Pelo ouvido, devia ser. Ou pelo faro.

Um coro de latidos frenéticos rasgou a paz do alvorecer.

Instantes depois, ouviu o ruído de passos, estalos e gritos mandando os cães se calarem. Quando diminuíram a ferocidade, lá de dentro uma voz jovem e rude gritou:

— Quem está aí?

— Vim falar com o sr. Tadeo.

Dois ferrolhos rangeram, ásperos, ao serem puxados. Pesados, cheios de ferrugem. Um terceiro começou a chiar depois, mas parou no meio do caminho, como se quem o movia tivesse mudado de ideia no último

segundo. Após alguns momentos de quietude, ouviu o som de passos roçando a terra, afastando-se.

Passaram-se três ou quatro minutos até que tornou a escutar vida humana do outro lado. Em vez de um indivíduo, agora eram dois.

— Quem é?

A pergunta era a mesma, mas a voz, diferente. Apesar de fazer mais de quinze anos que não a ouvia, Mauro Larrea a teria reconhecido em qualquer lugar.

— Alguém que você nunca imaginou que voltaria a ver.

O terceiro ferrolho acabou de ser corrido com um rangido enferrujado e o portão começou a se abrir. Os cães, como se açoitados por Belzebu, voltaram a se encrespar com uivos ferozes. Até que, no meio da balbúrdia, ouviu-se um tiro no ar. O cavalo, meio adormecido depois da galopada através das trevas, ergueu a cabeça e se levantou de súbito. As sombras dos cães, quatro ou cinco, sujos, ossudos e despelados, afastaram-se da entrada arrastando entre os rabos um rastro de gemidos lastimosos.

Os homens o esperavam parados com as pernas entreabertas. O mais jovem, um mero guardião noturno, segurava a meia altura o trabuco que acabara de disparar. O outro o encarou com os olhos cobertos de remela. Atrás de ambos, ao fundo de uma ampla planície, o contorno da casa começava a se recortar contra o céu do amanhecer.

O homem mais velho e o minerador trocaram um olhar tenso. Ali estava Dimas Carrús, magro e triste como sempre, com barba de pelo menos uma semana por fazer, recém-tirado pelo guarda do colchão de palha no qual dormia. Do lado direito, caído e colado ao corpo, o braço sem vida que uma surra paterna lhe malograra na infância.

Sem desviar o olhar, instantes depois, Dimas acumulou na boca um arroto que cuspiu com consistência de escarro espesso. Depois disso, veio a saudação:

— Caramba, Larrea. Nunca pensei que você fosse louco a ponto de voltar.

Soprou uma rajada de ar frio.

— Acorde seu pai, Dimas. Diga que tenho que conversar com ele.

O homem moveu lentamente a cabeça de um lado para o outro, mas não era negação, e sim incredulidade. Por vê-lo outra vez, depois de tanto tempo.

Saiu andando rumo à casa sem uma palavra, com o braço imóvel pendendo do ombro como uma enguia morta. Mauro o seguiu até o pátio, esmagando as pedras com as botas; depois ficou esperando enquanto o herdeiro de tudo aquilo desaparecia por uma das portas laterais. Só estivera naquela casa uma vez depois que tudo voara pelos ares, quando os dias de Real de Catorce ficaram para trás. A propriedade parecia ter mudado pouco, mas a desoladora falta de cuidado era evidente apesar da pouca luz. A mesma construção grande, rude, de muros largos e pouco refinamento. Arreios sem uso amontoados, estragos e restos, excrementos de animais.

Dimas não demorou a aparecer por trás de uma porta diferente.

— Entre e espere. Você vai ouvi-lo chegar.



No aposento de teto baixo que Tadeo Carrús usava para tratar de seus assuntos nada parecia ter mudado com o tempo também. A mesma mesa tosca coberta de papéis revirados e pastas abertas. Tinteiros meio secos, penas ralas, uma antiga balança com dois pratos. Da parede par-da e descascada continuava a observá-lo a mesma imagem de Nossa Senhora de Guadalupe que já pendia ali antes, indígena e morena entre raios de ouro velho, com as mãos unidas no peito, e sua lua e o anjo a seus pés.

OuvIU passos lentos se arrastando pelo piso de lajotas de barro cozido do corredor, sem antecipar que pertenciam ao homem que estava esperando. Quando ele entrou no escritório, mal o reconheceu. Não restava em seu corpo nenhum vestígio do vigor e da firmeza do passado. Até a altura considerável de outros tempos parecia ter diminuído pelo menos um palmo e meio. Ainda não devia ter sessenta anos, mas sua aparência era de um nonagenário decrépito. Cinzento, encurvado, quebradiço, penosamente vestido, protegido do relento por uma manta cinza puída.

— Já que passou tantos anos sem se lembrar de mim, bem que podia ter esperado até o meio-dia.

À memória de Mauro Larrea afluIU de uma vez uma torrente de recordações e sensações. O meio-dia em que aquele prestamista fora buscá-lo nas cavernas que ele pretendia explorar; a lojinha de mercadorias que na época dirigia junto às jazidas de Real de Catorce. Sentados frente a frente cada um em seu banquinho, com uma lamparina e uma jarra de pulque entre eles, o agiota fizera uma proposta ao jovem mineiro transbordando de ambição que Mauro Larrea era então. Vou lhe dar cobertura,

*gachupín*³, disse-lhe segurando-o fortemente pelo ombro. Juntos vamos fazer fortuna, você vai ver. E mesmo sabendo que seria um acordo leonino, como lhe faltavam posses e sobravam anseios, aceitou.

Para a sorte de ambos, Mauro teve lucros mais que medianos e cumpriu sua parte no acordo. Sete partes do minério para o prestamista, três para ele próprio. Depois veio outro empenho com vislumbres otimistas, e de novo usou o dinheiro de Tadeo Carrús. Cinco e cinco, arriscou propor-lhe. Partes iguais desta vez. Você arrisca o dinheiro e eu, o trabalho. E meu faro. E minha vida. O prestamista gargalhou. Ficou maluco, rapaz? Sete e três, ou não há acordo. De novo tiveram lucros generosos, uma vez mais houve bonança. E a divisão tornou a ser escandalosamente desigual.

Para a investida seguinte, contudo, Mauro Larrea se sentou para fazer as contas e concluiu que já não precisava do apoio de ninguém; que sozinho se garantia. E assim lhe informou na mesma lojinha, diante de dois novos copos de pulque. Mas Carrús não aceitou a dispensa de bom grado. Ou você afunda sozinho, seu desgraçado, ou eu mesmo me encargo disso. O assédio foi feroz. Houve ameaças, receios, maldades, obstruções. Correu sangue entre os partidários de um e de outro, perseguiram-no, sitiaram-no. Quebraram as patas de suas mulas, tentaram roubar-lhe o ferro e o mercúrio. Mais de uma vez puseram-lhe um punhal no pescoço; em uma tarde de chuva, sentiu o roçar do cano de uma arma na nuca. Céus e terras moveu o ambicioso comerciante para fazê-lo fracassar. Não conseguiu.

Tinha passado dezessete anos sem vê-lo. E agora, em vez do fanfarrão de escrúpulos rasteiros e torso corpulento que ousara enfrentar, encontrou um esqueleto ambulante, com as costelas saltadas destacando-se, obscenas, do tronco, a pele amarela feito manteiga rançosa e um hálito podre que se podia sentir a cinco passos de distância.

— Sente-se onde der — ordenou Carrús enquanto desabava atrás da mesa.

— Não é necessário, serei breve.

— Sente-se, caralho — insistiu Tadeo com a voz asfíxiada. O peito soava como uma flauta de dois orifícios. — Se cavalgou a noite inteira, pode muito bem me dedicar quinze minutos antes de voltar.

³ Forma depreciativa de se referir a um espanhol estabelecido na América. (N.T.)

Ele aquiesceu, ocupando uma estreita cadeira de madeira, mas sem reclinar as costas nem demonstrar o menor sinal de conforto.

— Preciso de dinheiro.

O agiota pareceu querer rir, mas o catarro não lhe permitiu. A tentativa se transformou em um feroz ataque de tosse.

— Quer que sejamos sócios de novo, como nos velhos tempos?

— Nós nunca fomos sócios; você apenas colocou seu dinheiro nos meus projetos em busca de parques rendimentos. É o que quero que faça outra vez agora, mais ou menos. E como continua de olho em mim, sei que não vai dizer não.

No rosto murcho do velho esboçou-se uma expressão cínica.

— Ouvi dizer que você progrediu bastante, *gachupín*.

— Você conhece o negócio tanto quanto eu — replicou Mauro em tom neutro. — Tem altos e baixos.

— Altos e baixos... — murmurou o prestamista, irônico. Em seguida ficou em silêncio, durante o qual só se ouviam os assobios entrecortados de sua respiração. — Altos e baixos... — repetiu.

Por uma fresta da veneziana entrou um pedaço de manhã madrugada. A luz perfilou os contornos e acentuou a decadência do cenário.

Dessa vez não houve risadas falsas.

— E que garantia vai me dar em troca desse capital?

— O documento de propriedade da minha casa.

Enquanto falava, Mauro Larrea levou a mão ao peito. Pegou os papéis dentre as roupas e os colocou em cima da mesa.

O saco de ossos em que Tadeo Carrús havia se transformado ergueu o esterno com um suspiro profundo, como se quisesse ilusoriamente encher-se de energia.

— Você deve estar na corda bamba, desgraçado, se está disposto a arriscar sua melhor propriedade desse jeito. Sei muito bem quanto vale o velho palácio de Pedro Romero de Terreros, o maldito conde de Regla. Embora não saiba, eu segui seu rastro ao longo dos anos.

Mauro deduzira, mas não quis lhe dar o prazer de confirmá-lo. Preferiu deixá-lo prosseguir.

— Sei onde você mora e com quem anda; estou a par de seus investimentos; sei que casou sua Marianita bem decentemente e sei que anda arranjando casamento para o seu moleque.

— Estou com pressa — interrompeu Mauro, contundente. Não queria ouvi-lo mencionar seus filhos, nem saber se o velho suspeitava de seu ruinoso empreendimento final.

— Para que tanta pressa, posso saber?

— Preciso ir.

— Aonde?

Como se eu soubesse, disse a si mesmo com sarcasmo.

— Isso não é da sua conta — foi o que respondeu.

Tadeo Carrús sorriu com a boca encarniçada.

— Tudo a seu respeito é da minha conta agora. Caso contrário, para que veio?

— Preciso da quantia que consta na escritura. Se eu não lhe devolver nos prazos que estabelecermos, você fica com a casa. Inteira.

— E se voltar com o dinheiro?

— Eu lhe devolverei o empréstimo integral, além dos juros que combinarmos hoje.

— Costumo pedir metade do montante a meus clientes, mas com você estou disposto a fazer diferente.

— Quanto?

— Cem por cento, por ser você.

Mesquinho e miserável como no dia em que sua pobre mãe o pôs no mundo, ruminou. O que você esperava, compadre, que o tempo o houvesse transformado em uma monja clarissa?, provocou sua consciência. Era por isso que Mauro sabia que Tadeo não resistiria à tentação de tê-lo por perto de novo. Para ver se podia pôr as garras nele outra vez.

— De acordo.

Sentiu que mãos invisíveis apertavam seu pescoço com uma corda grossa.

— Vamos falar de prazos — prosseguiu o agiota. — O que costumo conceder é um ano.

— Muito bem.

— Mas, por se tratar de você, vou fazer diferente.

— Como quiser.

— Quero que me pague em três vezes.

— Prefiro tudo no final.

— Mas eu não. Um terço daqui a quatro meses. Outro aos oito meses. Com o terceiro, fechamos a anuidade.

Sentiu a corda inexistente apertar sua jugular a ponto de asfixiá-lo.

— De acordo.

Os cães, a distância, latiam febris.

Assim foi selado o acordo mais mesquinho de sua vida. Em posse do velho crocodilo permaneceriam, dali em diante, os documentos de sua derradeira propriedade. Em troca, dentro de duas sacas de couro encardidas, levava o capital necessário para pagar algumas dívidas vultosas e dar os primeiros passos de uma possível reconstrução. Como e onde, ainda ignorava. E as consequências em médio prazo que aquele desastroso acordo poderia lhe acarretar, preferiu não as contemplar ainda.

Tão logo fecharam a transação, Mauro deu uma seca palmada na perna.

— Então, tudo acertado — anunciou, recolhendo o capote e o chapéu. — Terá notícias minhas quando for a hora.

Faltavam apenas dois passos para alcançar a porta quando a voz arfante o crivou pelas costas.

— Você não passava de um mísero espanhol em busca do bezerro de ouro, como tantos outros iludidos chegados da maldita pátria-mãe.

Mauro respondeu sem se voltar:

— Estava no meu legítimo direito. Ou não?

— Você não teria prosperado se não fosse por mim. Até comida dei a você e a seus filhos quando não tinham mais que um punhado de feijão para matar a fome.

Paciência, ordenou a si mesmo. Não lhe dê ouvidos, é o mesmo filho da puta ordinário de sempre. Você já conseguiu o que veio buscar, não perca nem mais um segundo. Vá embora.

Mas não conseguiu.

— A única coisa que você pretendia, velho desgraçado — replicou, voltando-se com lentidão —, era me manter endividado pela eternidade, como fez a vida toda com dúzias de pobres coitados. Oferecia empréstimos a juros asfixiantes; abusava, enganava e exigia fidelidade perpétua enquanto a única coisa que fazia era sugar nosso sangue como um verme. Especialmente o meu, eu, que estava fazendo você enriquecer mais que o resto. Por isso não queria me deixar ir.

— Você me traiu, filho de uma puta.

Mauro voltou à mesa, descarregou sobre ela as duas mãos de uma vez e dobrou as costas até ficar a um palmo do rosto do agiota. O cheiro que lhe chegou era nauseabundo, mas mal o percebeu.

— Nunca fui seu sócio. Nunca fui seu amigo. Nunca gostei de você, assim como você nunca gostou de mim. Portanto, deixe de rancores patéticos e fique em paz com Deus e com os homens no pouco tempo que lhe resta de vida.

O velho lhe devolveu um olhar turvo carregado de raiva.

— Não estou morrendo, se é o que está pensando. Vivo assim, com estes brônquios doentes, há mais de dez anos, para espanto de todos, começando pelo inútil do meu filho e acabando com você. Mas não pense que me importaria muito se a morte viesse me buscar a esta altura do campeonato.

Ergueu o olhar para o quadro da Virgem mestiça e seus pulmões assobiaram como duas cobras no cio.

— Mas, por via das dúvidas, juro pelo mais sagrado que a partir de hoje vou rezar todas as noites três ave-marias para que não me enterrem sem antes vê-lo na lama.

O silêncio se fez sólido.

— Se em quatro meses contados a partir de hoje você não voltar com a primeira parcela, Mauro Larrea, não vou ficar com seu palácio, não. — Fez uma pausa, arfou e recuperou as forças. — Vou derrubá-lo. Vou mandar explodi-lo com cargas de pólvora desde o alicerce até o telhado, como você mesmo fazia nas cavernas quando não passava de um vândalo selvagem. E mesmo que seja a última coisa que eu faça, vou ficar plantado no meio da rua de San Felipe Neri para ver desabarem, uma a uma, suas paredes, e com elas seu nome e o muito ou pouco que ainda lhe resta de crédito e prestígio.

Por um ouvido entraram as vis ameaças de Tadeo Carrús, e pelo outro saíram. Quatro meses. Foi a única coisa que ficou marcada a fogo em seu cérebro. Tinha a terça parte de um ano pela frente para encontrar uma saída. Quatro meses como quatro clarões que explodiram em sua cabeça enquanto se afastava daquele detrito humano, montava seu cavalo sob os primeiros raios de sol amenos da manhã e tomava o caminho de volta à incerteza.

Entrou no saguão quando já havia anoitecido e chamou aos gritos Santos Huesos.

— Cuide do animal e avise Laureano que quero a carruagem pronta em dez minutos.

Sem se deter, atravessou o grande pátio a passos largos em direção à cozinha, pedindo água aos gritos. As criadas, intuindo o humor do patrão, correram espavoridas para obedecer-lhe. Depressa, depressa, ordenava a governanta. Peguem os baldes, levem toalhas limpas lá para cima.

Embora seu corpo entorpecido implorasse por um descanso, dessa vez não tinha tempo para banhos sossegados. Água, sabonete e uma esponja foi o que necessitou para arrancar da pele com fúria a grossa camada de pó e suor que se grudara nele. Em seguida passou rapidamente a navalha afiada pelo rosto, com vertigem. Ainda estava secando o queixo enquanto ajeitava o cabelo; o braço direito entrou pela manga da camisa quase ao mesmo tempo que a perna esquerda na calça. Abotoadura, colarinho, botas de verniz lustrosas. A gravata terminou de ajeitar na galeria; na escada vestiu a sobrecasaca.

Quando o cocheiro Laureano parou a carruagem em meio à balbúrdia de outras carruagens em frente ao Grande Teatro Vergara, ele ajeitou os punhos, alisou as lapelas e tornou a passar os dedos no cabelo ainda molhado. O retorno ao presente, à noite agitada de uma estreia, demandava naquele momento toda sua atenção: cumprimentos a retribuir, nomes a recordar. Ser visto era seu objetivo. Que ninguém suspeitasse.

Entrou no vestíbulo com porte ereto, o fraque impecável e uma pitada consciente de altivez no andar. Depois, realizou os gestos protocolares com aparente naturalidade: trocou gentilezas com políticos e aspirantes a sê-lo e apertou, altivo, as mãos daqueles com sobrenome, dinheiro, potencial ou berço. Entre a fumaça intensa reinava, como sempre, a mistura. Espalhados pelo grandioso *foyer*, os descendentes das elites *criollas* que se desgarraram da velha Espanha amalgamavam-se agora com ricos comerciantes de nova cepa. Misturados entre eles, muitos militares condecorados, belas mulheres de olhos negros com o colo banhado em soro de leite e um grande grupo de diplomatas e funcionários de altos cargos públicos. Em resumo, gente de posição e grande importância.

Nos ombros masculinos que realmente valiam a pena, deu as palmadas correspondentes; depois beijou, galante, as mãos enluvadas de um bom punhado de senhoras que fumavam seus cigarros e conversavam animadas, envoltas em pérolas do Ceilão, sedas e plumas. E como se seu mundo continuasse girando em torno do eixo de sempre, o até então

próspero empresário da mineração se portou conforme o que se esperava dele: uma cópia de seu comportamento em qualquer outra noite da melhor sociedade da Cidade do México. Ninguém pareceu notar que cada um dos passos que dava era resultado de um laborioso esforço para não perder a dignidade.

— Meu querido Mauro, por fim apareceu!

Ainda teve tempo de acrescentar a seu fingimento uma dose extra de simulação.

— Muitos compromissos, muitos convites, você sabe, o de sempre — respondeu enquanto se unia ao recém-chegado em um caloroso abraço. — Como vai, Alonso, como vão todos?

— Bem, muito bem, à espera... Embora isso de as mulheres grávidas serem malvistas nos eventos noturnos da sociedade estar se transformando em um pesadelo para Mariana.

Ambos soltaram uma risada: a do filho da condessa de Colima parecia sincera, e a dele, pelo menos aparentemente, não ficou atrás. Preferia morrer a mostrar a menor preocupação diante do marido de sua filha. Sabia que ela seria prudente quando tivesse que se justificar, mas tudo a seu tempo, pensou.

Então aproximaram-se deles outros dois homens com quem um dia fez negócios, e a conversa se interrompeu. Na roda de conversa surgiram temas díspares, Alonso foi chamado por outro grupo, ao de Mauro Larrea juntou-se o governador de Zacatecas, depois o embaixador da Venezuela e o ministro da Corte de Justiça, e em seguida uma viúva de Jalisco vestida de cetim carmim que fazia meses o rondava onde quer que o visse. Assim passou um tempo, um cruzamento de conversas sobre fofocas políticas misturadas com preocupações sérias sobre o indecifrável destino da nação. Até que os funcionários do teatro avisaram que a apresentação estava prestes a começar.

Já em sua fileira de poltronas, enquanto se sentava, continuou cumprimentando uns e outros, tentando encontrar a frase certa para cada um; a palavra precisa ou o elogio certo dependendo da pessoa. Por fim, apagaram-se as luzes, o maestro ergueu a batuta e a sala foi tomada pela música da orquestra.

Quatro meses, repetiu para si mesmo.

Encoberto pelo dramático prelúdio de *Rigoletto*, por fim pôde parar de fingir.

Passou pela casa de seu procurador, em frente à igreja de Santa Brígida, para amargar seu primeiro café da manhã.

— Se decidi se enforçar, não tem nada que eu possa fazer — foi a áspera resposta de Andrade. — Deus queira que não venha a se arrepender.

— Com isso pagaremos as dívidas mais imediatas, e o que restar vou levar comigo para investir.

— Suponho que não há volta — concluiu o amigo. Sabendo que de pouco iam lhe servir as lamentações, decidiu canalizar sua cólera para algo mais construtivo. — Então vamos começar a nos mexer. Vamos desocupar a fazenda de Tacubaya primeiro. Como fica mais afastada da cidade, poderemos trabalhar com discrição. Vamos tirar todos os móveis e utensílios para vendê-los o quanto antes; com isso poderemos conseguir mais uma boa quantia. Quando terminarmos, vou ter uma conversa discreta com Ramón Antequera, o banqueiro, para lhe dizer que a fazenda passa a ser de sua propriedade por impossibilidade de pagarmos o crédito hipotecário que contraímos com ele. É um homem discreto, vai saber cuidar do assunto sem que ninguém fique sabendo de nada.

Duas horas mais tarde, dois criados de confiança empurravam uma cômoda bojuda enquanto Santos Huesos os orientava a caminho da carroça parada no largo. Dentro dela já havia um guarda-roupa de duas portas e quatro cabeceiras de carvalho. Junto às rodas, esperando para serem carregadas, todas as cadeiras de couro cravejado nas quais, nos dias prósperos, se sentaram à mesa uma dúzia e meia de comensais.

A uma distância ao mesmo tempo próxima e afastada da agitação doméstica, Mauro Larrea acabava de comunicar a sua filha as tristes no-

tícias. Ruína, partida, busca, destino ainda não decidido: essas foram as palavras que pairaram no ar. Mariana compreendeu.

Fora buscá-la ao deixar a casa de Andrade, depois de lhe mandar um recado pedindo que se aprontasse. Chegaram juntos à fazenda na caruagem e juntos conversavam agora debaixo de uma pérgula no grande jardim da frente.

— O que vamos fazer com Nico?

Uma pergunta envolvida em um sussurro foi a primeira reação de Mariana. Uma pergunta que demonstrava inquietude pelo irmão: o terceiro componente do número ímpar em que se transformara a família no dia do nascimento do pequeno, quando, depois do parto, a febre puerperal levou a jovem que até então os mantivera unidos: a mãe de Mariana e Nicolás, a companheira de Mauro Larrea, sua mulher. Elvira era seu nome, o mesmo que deu à primeira mina que adquiriu com o passar dos anos após sua morte; como o eco que retumbou em suas noites insones até que o tempo o foi diluindo e o fez desvanecer. Elvira, a filha de um lavrador que nunca aceitou que ela engravidasse do neto sem pai reconhecido de um ferreiro basco, nem que se casasse com aquele rapaz ao amanhecer e sem testemunhas, nem que com ele vivesse até seu último suspiro em uma paupérrima ferraria onde a aldeia castelhana deixava de ser aldeia e se tornava caminho.

— Vamos esconder tudo dele, naturalmente.

* * *

Resguardar Nicolás sempre havia sido o acordo entre pai e filha: superproteger, em sua minúscula orfandade, aquela criatura frágil como um espelho. Por isso Mariana cresceu logo, à força. Esperta como uma lebre, audaz e responsável como só pode sê-lo alguém que completou quatro anos em meio aos navios fretados, os ratos e os estivadores do porto de Bordeaux, cuidando de um menino que mal sabia andar enquanto o pai transportava em duas trouxas os poucos pertences da família. Em época de tensões entre a Espanha e o México, estavam prestes a embarcar em um decadente pacote francês carregado de ferro de Vizcaya e vinho de La Gironda que atendia pelo poético — e um tanto irônico — nome de *La Belle Étoile*, a bela estrela. Nada teve de lírica, por sua vez, a dura

travessia durante a qual cruzaram o Atlântico navegando por 79 penosos dias com a mais absoluta ignorância do que o destino lhes reservaria do outro lado do oceano. Os fatos aleatórios da vida, somados às otimistas perspectivas de alguns mineiros da cornija gaulesa que encontraram no porto de Tampico, fizeram com que se dirigissem a Guanajuato. Para começar.

Com sete primaveras, Mariana cuidava — a duras penas — da mísera cabana de adobe cinza e teto achatado que habitavam junto ao acampamento mineiro de La Valenciana. Todos os dias preparava uma comida rudimentar na cozinha comunitária, junto com garotas dois palmos mais altas que ela, e quando alguma delas ou a mulher de outro mineiro se oferecia para olhar o pequeno Nico, ela corria para a escola para aprender a juntar as letras e — principalmente — a fazer contas, a fim de que o dono da mercearia, um velho compatriota aragonês, não a enganasse somando e subtraindo os pesos que seu pai lhe entregava todos os sábados para o sustento diário.

Um ano e meio depois tornaram a empacotar suas coisas e se mudaram para Real de Catorce, atendendo ao chamado da virulenta febre da prata que havia se desencadeado pela segunda vez na história daquele lugar perdido entre montanhas. Foi justo no mês de sua chegada que ele ficou quatro dias e quatro noites desaparecido, preso nas entranhas da mina Las Tres Lunas, com uma das mãos esmagada entre duas pedras e a água chegando-lhe à altura do pescoço. Dos vinte e sete operários que trabalhavam a mais de quinhentas varas abaixo da terra quando ocorreu a monumental explosão, só cinco viram de novo a luz do dia. Mauro Larrea foi um deles. Os demais, nus da cintura para cima e munidos de escapulários e medalhinhas de virgens protetoras que bem pouco protegeram, foram tirados com o rosto tingido de azul, os músculos do pescoço tensos como cordas e a expressão atormentada dos afogados.

A catástrofe obrigou a cortar cordas, como chamavam no ofício o fechamento de uma mina. Dali em diante, Las Tres Lunas ficou na memória coletiva como uma mina maldita e foi abandonada como impraticável, sem que ninguém jamais ousasse voltar a explorá-la. Mas ele sempre soube que suas profundezas estavam cheias de magnífica prata de lei. Naque-la época, contudo, pretender devolver a vida a quem quase acabara com a dele era um projeto insano que nem sequer lhe passou pela cabeça.

Daquela experiência atroz nasceu no mineiro Mauro Larrea uma vontade ferrenha de mudar as coisas. Negou-se a continuar sendo um mero trabalhador, decidiu arriscar: cada vez circulavam mais rumores frenéticos sobre ricos veios que surgiam no meio do nada, cada vez se recuperavam mais jazidas e aumentava a euforia. Deu início assim, às cegas, a seu primeiro e humilde empreendimento próprio. O senhor me adianta o que necessito para começar a escavar, arranjar as mulas e contratar alguns homens, dizia mostrando um torrão cinza na palma calejada. Em seguida, soprava-o até fazê-lo brilhar. E do mineral bruto como este que eu tirar, metade fica para o senhor e metade para mim. Era a oferta que ia fazendo nos bares, nas proximidades dos acampamentos, nas encruzilhadas e esquinas dos povoados. Depois, acrescentava:

— E cada um refina o seu como achar melhor.

Não tardou muito a conseguir que um raquítico investidor oportunista, um trapaceiro de pouca importância — aviadores, assim chamavam as pessoas desse tipo —, confiasse em seu empreendimento, se é que assim podia se chamar a humilde jazida alagada na qual depositou seus sonhos. Mas a intuição sussurrou-lhe ao ouvido que na direção poente ainda podia dar frutos. Batizou-a, então, com o nome de sua mulher morta, cujo rosto já quase havia se apagado de seu pensamento, e começou a trabalhar.

Em La Elvira abriu um poço e instalou um cabrestante, e assim começou, movendo-se como os mais velhos contavam que faziam, em outros tempos, seus compatriotas, os mineiros espanhóis da colônia. Tateando. Perfurando na mais absoluta ignorância, seguindo somente o olfato, como um cão; com base em conjecturas. Sem cálculos minimamente razoáveis, sem o menor rigor científico. Cometendo grandes erros, refratário à prudência. Sustentado apenas por uma obstinada determinação, o vigor de seu corpo e dois filhos para criar.

Foi em La Santa Clara, seu projeto seguinte, que Tadeo Carrús entrou em sua vida. Dois empreendimentos, três anos e muitos dissabores depois, conseguiu se livrar dele e começou a se mover sozinho outra vez. Apesar das provocações e dos injustos empenhos do prestamista para fazê-lo fracassar, não parou mais. E embora naqueles dias também tivesse sofrido reveses e feito empréstimos insensatos, e tivesse até, em algumas ocasiões, se deixado cegar pela urgência e roçado perigosamente a

temeridade, a deusa fortuna da geologia foi se aliando a ele e pondo em seu caminho filões de sorte nos sulcos dos terrenos que pisou. Em La Buenaventura, a força do destino cruzou seu caminho por três lados; em La Prosperidad, aprendeu que quando uma escavação começava a ficar borrascosa, uma retirada a tempo era a decisão mais vantajosa. Do câ-nion de La Abundancia começou a tirar um mineral tão valioso que até os refinadores independentes de outras comarcas queriam comprá-lo.

Não foi o único a despontar, contudo. Na mesma época, após décadas de estagnação, Real de Catorce voltara a se transformar, como fora durante o vice-reinado, em um lugar pulsante cheio de explosões e escavações; um lugar caótico, selvagem, convulsionado, onde manter a calma e a ordem não passava de uma ilusão. O dinheiro que aquele ressurgir da prata fez jorrar de seu rico subsolo acarretou — como não podia deixar de ser — conflitos aos montes. Ambições e tensões desmedidas, troca de socos entre colegas, desordens constantes, facas nuas no ar, brigas a pauladas e pedradas. Até aquela noite de sábado, quando, eufórico depois de vender um lote de prata para um alemão, ao descer do cavalo ouviu, ainda na rua, Mariana gritando e Nico chorando. E um estrépito anormal porta adentro.

Havia comprado uma casa razoavelmente decente na periferia do povoado depois de seus primeiros progressos; havia contratado uma velha cozinheira que ao cair da tarde voltava para sua gente e uma jovem criada que naquela noite andava sapateando em algum fandango. E, para cuidar de seus filhos, contava com Delfina, uma jovem otomi. Como se àquela altura eles já não soubessem se cuidar sozinhos. O que ouviu, porém, fez com que tivesse consciência de que ainda precisavam de muito mais ajuda do que a doce indígena de brilhantes cabelos pretos podia lhes oferecer.

Subiu os degraus de três em três, antecipando, aterrorizado, o que ia encontrar ao ver os móveis virados, as cortinas arrancadas dos trilhos e uma lamparina pegando fogo no chão sobre uma poça de óleo. Suas previsões ficaram aquém: a cena era um pesadelo ainda pior. Em cima de sua própria cama, um homem com as calças arriadas se mexia com ímpeto animal sobre o corpo imobilizado da índia Delfina. Encurralada em seu quarto enquanto isso, Mariana, com a camisola rasgada, um arranhão sangrando no pescoço e o ferro de remexer a lenha como arma,